

Testemunhos da ocupação romana no sítio Malhada dos Carvalhos 1 (Alfundão, Ferreira do Alentejo)

César Augusto Neves ¹
Catarina Grilo ²
Íris Otte ³

Introdução

O sítio arqueológico Malhada dos Carvalhos 1 foi identificado durante a execução do acompanhamento arqueológico realizado no âmbito do projecto “Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Alfundão”, desenvolvido pela EDIA S.A.

Aquando a abertura da vala da *Rede de Rega/Adutor CP-B* foram identificadas, centradas no eixo da futura conduta, um conjunto significativo de manchas de sedimento, em negativo no substrato geológico.

¹ Arqueólogo – Sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses – c.augustoneves@gmail.com

² Arqueóloga – ramosgrilo.carolina@gmail.com

³ Antropóloga responsável pela análise dos restos osteológicos identificados na intervenção arqueológica.

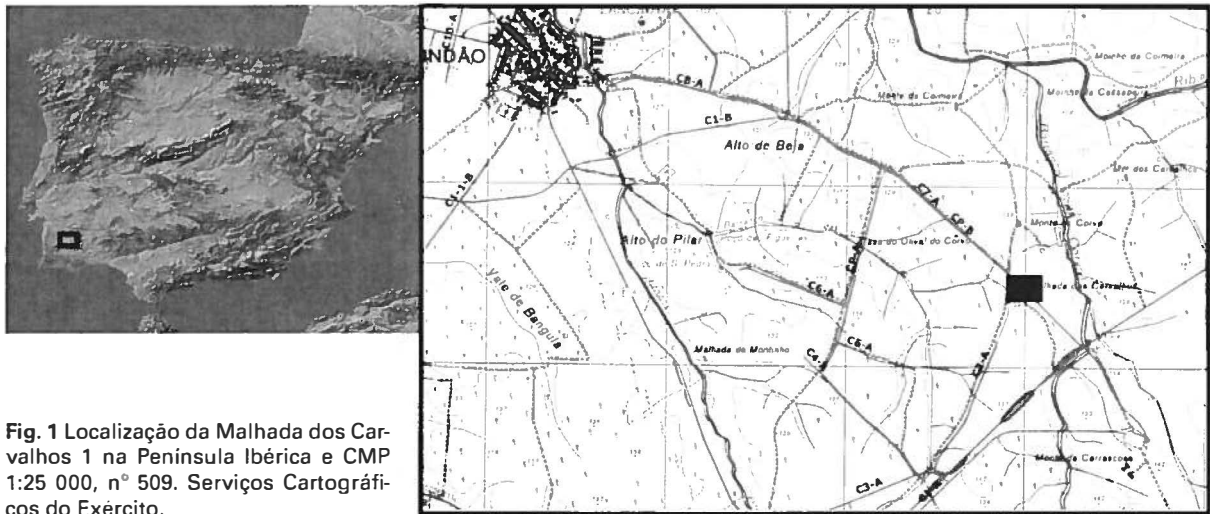


Fig. 1 Localização da Malhada dos Carvalhos 1 na Península Ibérica e CMP 1:25 000, n° 509. Serviços Cartográficos do Exército.

Esta situação de contextos arqueológicos identificados no decorrer do acompanhamento arqueológico já estava prevista no Relatório de Conformidade Ambiental deste Projecto (RECAPE):

“Caso sejam identificados outros vestígios arqueológicos na fase de acompanhamento da obra, na área a intervir, estes implicam a definição de um plano de trabalhos complementares, correspondendo a medidas de sondagem, escavação e registo, que deverão compreender um cronograma específico, definido de forma a permitir o estudo e tratamento apropriado dos vestígios e, simultaneamente, minimizar custos e contratempos ao desenvolvimento do Projecto” (Matos, Fonseca & Associados, 2008, p.29).

De igual modo, os responsáveis pelo RECAPE, conscientes que este tipo de realidade arqueológica não é, facilmente, detectável à superfície, e que têm vindo a ser, com frequência, identificadas em espaços adjacentes, alertaram as futuras equipas de arqueologia, que iriam fazer o acompanhamento arqueológico, para este tipo de contextos:

“Salienta-se que o acompanhamento arqueológico de obra associado a outros projectos do EFMA, tem permitido identificar arqueossítios constituídos por estrutura negativas (realidades escavadas no substrato rochoso), que não são reconhecíveis através de indicadores de superfície. Tal teve lugar no âmbito da empreitada do Bloco de Rega do Pisão que se desenvolve a nascente dos Blocos de Rega de Alfundão e respectiva Adução.

Trata-se de uma tipologia de vestígios para a qual a equipa de acompanhamento arqueológico de obra deverá estar particularmente sensibilizada e a observação das mobilizações de solos deve ser particularmente minuciosa.” (Matos, Fonseca & Associados, 2008, p.29).

Afim de se registar e caracterizar eventuais níveis arqueológicos conservados, o IGESPAR determinou a realização de quinze sondagens, cada uma correspondente a uma possível estrutura arqueológica, num total de 39,25m², localizadas ao longo de cerca de 140m lineares, centradas no eixo da conduta a implementar ou junto a um dos taludes.

A execução destas medidas de minimização ficou a cargo da empresa CRIVARQUE, Lda., tendo um dos signatários, do presente texto (C.A.N.), sido o responsável científico pela mesma.

Os resultados obtidos na escavação permitiram observar dois contextos ocupacionais distintos, quer a nível funcional, quer a nível cronológico.

A julgar pelo escasso espólio arqueológico recolhido, terá ocorrido um primeiro momento ocupacional caracterizado por um conjunto de 14 estruturas negativas escavadas no substrato geológico. As características tipológicas destas realidades estruturais, bem como os elementos artefactuais recolhidos no seu interior, aliados aos dados recolhidos em contextos semelhantes em outros sítios interencionados no distrito de Évora e Beja, parecem enquadrar esta ocupação na Idade do Bronze.

Num espaço a Noroeste, a cerca de 70m de dis-

tância do núcleo de fossas, surgiu uma outra realidade estrutural (Sondagem 1), caracterizada como uma sepultura, que não apresenta qualquer relação crono-cultural com a referida ocupação proto-histórica.

Será, exclusivamente, sobre a Sondagem 1 e respectiva estrutura arqueológica (Sepultura) que incidirá a análise que aqui se apresenta.

A escavação arqueológica da Sondagem 1 realizou-se em Novembro de 2009.

Enquadramento

Localização Administrativa e Geográfica

O sítio arqueológico Malhada dos Carvalhos localiza-se, administrativamente, em Portugal, na freguesia de Alfundão, concelho de Ferreira do Alentejo e distrito de Beja. A área intervencionada localiza-se na Carta Militar de Portugal, na folha nº 509 à escala de 1:25000 (Fig.1).

As coordenadas correspondentes, no Datum Lisboa, são:

M = 208 854, 915

P = 126 787, 646

A = 134, 71m

Geologia e Geomorfologia

A área estudada, localizada na bacia hidrográfica do Rio Sado, fica situada no sul de Portugal continental, na região do Baixo Alentejo. O relevo tem as características gerais da penepalanície alentejana, aplanadas ou ligeiramente ondulado, esporadicamente interrompido por zonas um pouco mais acidentadas constituindo relevos de dureza residuais (Feio, 1951).

Geomorfologicamente, o sítio Malhada dos Carvalhos 1 implanta-se em plena penepalanície alentejana, unidade fundamental do relevo, encontrando-se, nesta zona, levemente dissecada pela rede hidrográfica.

Do ponto de vista geológico enquadramo-lo no denominado Maciço de Beja, na unidade do Complexo Plutono - Vulcânico de Odivelas, que é constituída pelo Complexo Básico de Odivelas e dos pelos Gabros de Beja. O sítio em estudo encontra-se numa zona de contacto entre estas duas unidades, desenvolvendo-se mais intensamente no Complexo



Fig. 2 Sondagem 1. Limpeza da área de escavação. Área a intervencionar enquadrada com a vala do futuro sistema de rega.

Básico de Odivelas. O Complexo Básico de Odivelas é constituído, nesta zona, por basaltos e diabases, estando a sua distribuição e localização correcta um pouco indefinida. Na realidade, para esta zona do maciço de Beja apenas as grandes unidades estão estabelecidas, sendo os seus limites no terreno variáveis e a caracterização específica difícil de realizar, isto devido à ausência de cartografia detalhada (disponível, apenas, à escala 1: 200 000).

A Malhada dos Carvalhos 1 localiza-se numa vasta área plana, sem acidentes geográficos de grande expressão, nem condicionantes visuais. Ligeiramente a Norte, localiza-se a linha de água relevante mais próxima, ou seja, a Ribeira do Alfundão. Além desta linha de água, existem outras de carácter sazonal que se encontram nas imediações, quer a Norte quer a Sul.

Condições do sítio antes do início dos trabalhos

No início dos trabalhos encontrava-se, somente, a vala aberta, sem a definitiva tubagem colocada no interior. Desta forma, em virtude dos trabalhos

arqueológicos aqui descritos, os trabalhos de obra ficaram, nesta zona, suspensos.

A área a intervir estava devidamente sinalizada e balizada, não permitindo acções destrutivas (Fig.2). Era visível o grau de destruição de algumas estruturas arqueológicas, ocorrido durante a abertura da vala. Esta leitura decorre da existência de algumas estruturas no corte da vala, o que levou à sua intervenção, para além dos limites da afectação.

Relativamente ao espaço onde foi identificada a sepultura, eram visíveis fragmentos de *tegulae* que tinham sido removidos pela máquina aquando a identificação da estrutura arqueológica pela equipa do Acompanhamento Arqueológico.

Na área envolvente observam-se terrenos intensamente cultivados, com recurso a adubos químicos provocando uma grande alteração do solo. Assim, apesar de não existirem construções antrópicas directamente sobre o sítio, este encontrava-se afectado por actividade agrícola.

Descrição dos trabalhos: metodologia e caracterização estratigráfica

Os principais objectivos da intervenção foram os seguintes:

- Escavação manual e integral das estruturas negativas;
- Determinar a existência e grau de conservação de contextos estratigráficos, sequências de ocupação humana e estruturas, conservados *in situ*;
- Registo dos níveis e/ou estruturas arqueológicas identificadas e devida caracterização;
- Integrar crono-culturalmente os vestígios, nomeadamente, através do estudo dos materiais arqueológicos exumados no decorrer da intervenção;
- Determinar as medidas mais apropriadas para protecção/minimização de impactes negativos subsequentes.

A escavação do sítio arqueológico Malhada dos Carvalhos 1 foi realizada segundo o princípio da estratigrafia de *Harris*, ou seja, por unidades estratigráficas (escavação de camadas, interfaces arqueológicas e estruturas, seguindo uma lógica inversa

ao seu processo de formação, ou seja, a última camada arqueológica a formar-se foi a primeira a ser decapada) (Harris, 1991; Harris, *et al.*, 1993).

A atribuição de U.Es foi desenvolvida por ordem sequencial crescente, nunca se repetindo um número e segue preferencialmente a ordem da escavação.

O numeral que denomina cada U.E. corresponde ao seguinte código:

- Centenas – número de sondagem;
- Dezenas e unidade – número atribuído à realidade arqueológica identificada no interior da sondagem.

Estas unidades estratigráficas podem adquirir a forma de depósito, interface ou estrutura arqueológica. Todas as unidades estratigráficas foram registadas através do preenchimento de uma ficha adequada ao método proposto e fotografadas em formato digital.

As unidades estratigráficas foram igualmente registadas graficamente, realizando-se os desenhos de todos os planos de depósitos, estruturas, alçados e perfis estratigráficos, à escala 1:20, sempre com a indicação das cotas altimétricas. A implantação das áreas de escavação, assim como todos os pontos altimétricos e registos topográficos efectuados, foram realizados com o apoio de uma equipa de topografia.

A escavação arqueológica foi realizada integralmente de forma manual e decorreu em profundidade até atingir o substrato geológico. Os materiais arqueológicos recolhidos foram individualizados em sacos e identificados por áreas de escavação, sondagens, unidades estratigráficas, tipo (exemplo: bordo, asa, bojo decorado.), data e observações. Estas informações estão contidas numa etiqueta que acompanha os materiais. Os materiais arqueológicos foram objecto de lavagem, realizando-se o seu inventário e correcto acondicionamento na sede da CRIVARQUE, Lda.

Descrição estratigráfica: Sondagem 1

Escavação manual e integral de uma estrutura negativa escavada no substrato geológico, sendo que o topo desta se encontrava a cerca de 50cm de profundidade da superfície actual. Trata-se de uma



Fig. 3 Sondagem 1. Topo da sepultura.

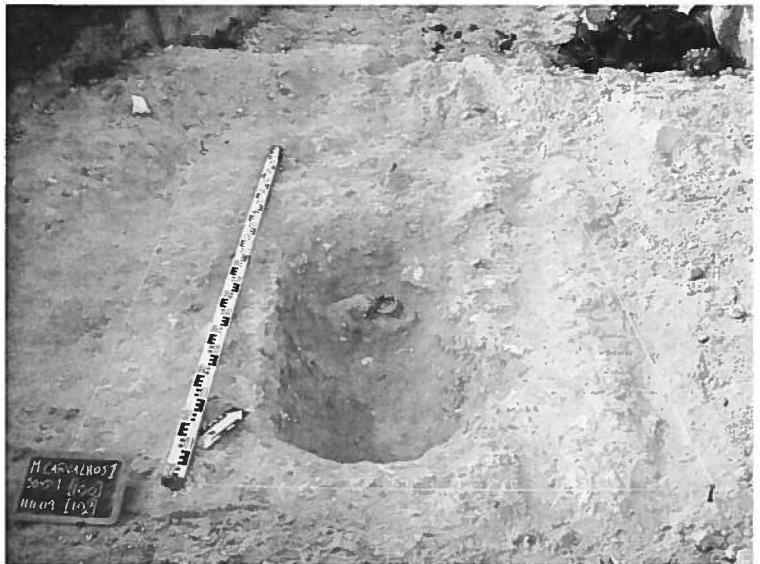


Fig. 4 Sepultura com os vestígios osteológicos e espólio votivo associado.



Fig. 5 Pormenor do vaso e crânio registados no interior da sepultura.

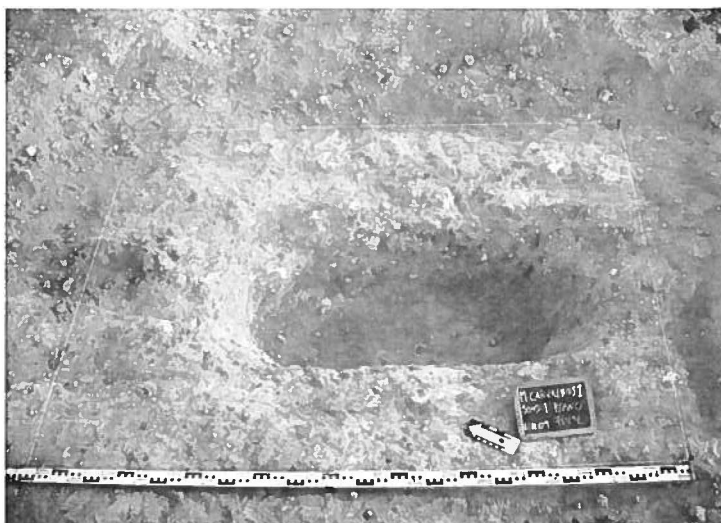


Fig. 6 Plano final da escavação da sepultura.

sepultura estruturada com tegulae e blocos pétreos de pequena dimensão, tendo estes elementos a função de cobertura (Fig.3).

Aquando o início da nossa intervenção, a estrutura, localizada no eixo da vala, encontrava-se algo danificada, devido à passagem da máquina. Apesar de, prontamente, ter sido identificada pelo Acompanhamento Arqueológico, ainda assim, os danos eram visíveis, embora sem perturbar o interior da estrutura.

Após a limpeza, implantação da sondagem (2x1,5m) e registo do que restava da cobertura da sepultura, iniciou-se a escavação do seu interior. A escavação colocaria à vista duas realidades distintas, espólio arqueológico e espólio osteológico (Fig.4). Envolvida numa camada única de sedimento [101], encontravam-se *in situ* um pote de pequenas dimensões, associado a vários fragmentos de crânio. Escavado com o máximo rigor, constatou-se que o crânio se encontrava muito fragmentado e mal conservado, apresentando-se como o único elemento do corpo humano, preservado, existente no interior da sepultura (Fig.5).

A escavação revelou, desta forma, a existência de uma sepultura contendo, no seu interior, um enterramento humano associado a um pequeno pote em cerâmica comum. A escavação e a definição da sepultura até aos seus limites inferiores e laterais não revelaram mais nenhum dado de natureza arqueológica ou osteológica (Fig.6).

Quando se observou que a calote craniana não

tinha mais partes anatómicas do corpo associado, prontamente se contactou o IGESPAR com o intuito de se questionar a necessidade de se enquadrar um técnico especializado (Antropólogo) para dar continuidade à intervenção. A resposta foi negativa, responsabilizando a equipa em campo que teria que, somente, levantar os ossos, envolvendo-os em papel de prata e proceder à recolha de amostras de sedimento, que seriam posteriormente observados em laboratório, na busca de mais dados osteológicos, impossíveis de observar no campo. Estas acções foram todas realizadas, sendo que a análise e escavação das amostras de sedimentos permitiu, em laboratório, registar cerca de 32 fragmentos relacionados com a dentição. Os restos osteológicos recolhidos foram, posteriormente, analisados, estando a sua descrição no ponto 5.

No geral, a sequência estratigráfica observada e registada durante a escavação da Sondagem 1 foi a seguinte:

UE [100] – Estrutura negativa escavada no substrato geológico por acção antrópica. Trata-se de uma Sepultura individual estruturada no seu topo com tegulae e pequenos blocos pétreos. Está orientada no sentido Sul-Norte. Apresentava cerca de 40cm de profundidade, 66cm de sua largura máxima e de comprimento tinha cerca de 1,36m. Em plano trata-se de uma estrutura oval de fundo plano. As paredes e fundo não se encontravam revestidas nem estruturadas com nenhum elemento de cariz artefactual. Coberta pela [105] (Fig.7).

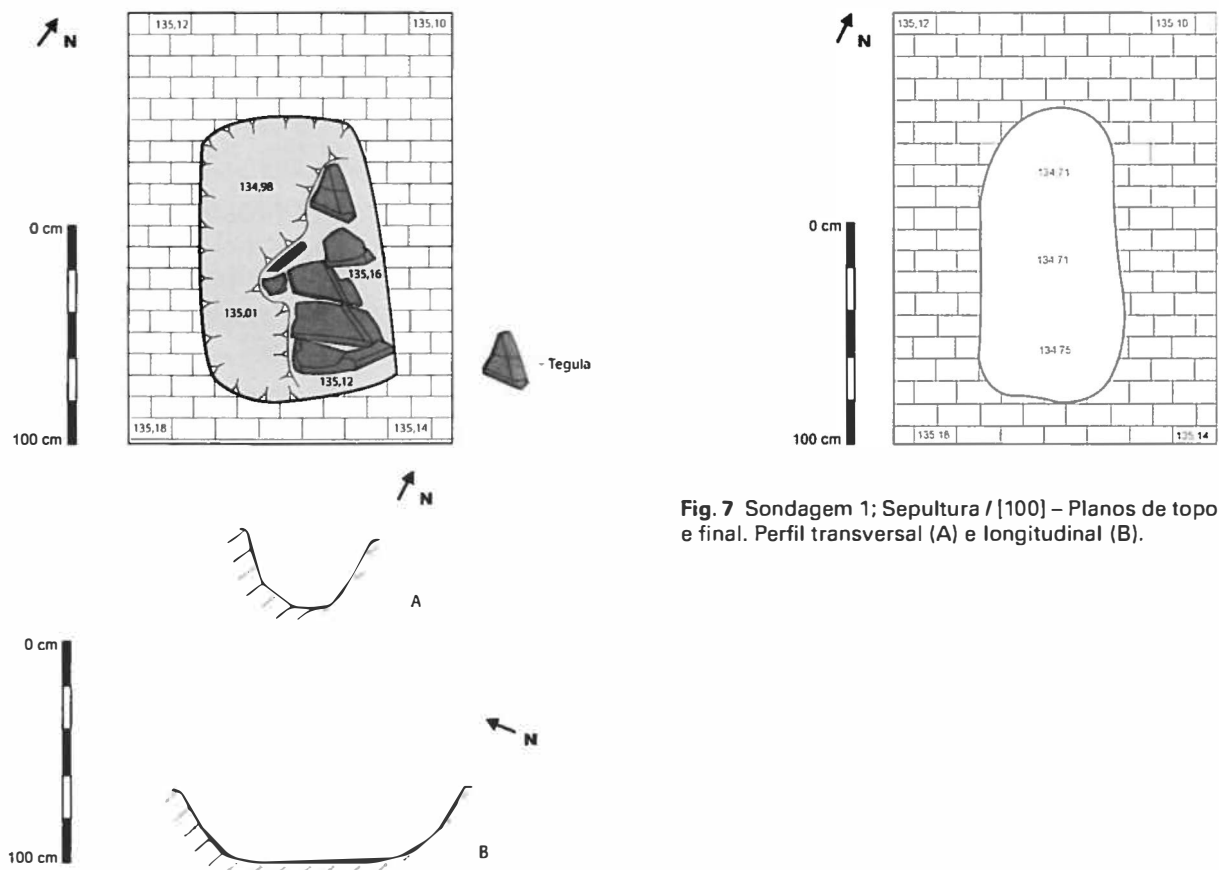


Fig. 7 Sondagem 1; Sepultura / [100] – Planos de topo e final. Perfil transversal (A) e longitudinal (B).

UE [101] – Depósito. Camada de matriz arenosa, solta, de cor castanho/alaranjada, com uma potência sedimentar de 35cm de profundidade. Não continha nenhum elemento pétreo e apresentava um único elemento artefactual correspondente ao espólio funerário. Não foi observada qualquer afectação ao nível da bioturbação animal e vegetal. Esta U.E. preenche a U.E. [100].

UE [102] – Enterramento humano. Encontra-se representado por um fragmento de calote craniana e alguns restos de dentição, não aparecendo conectado a mais ossos humanos. Encontra-se associado a um pote de cerâmica de pequena dimensão. Terá sido depositado na [100] e envolvido pela [101], juntamente com o resto do corpo.

UE [103] – Substrato geológico onde foi realizada a construção da estrutura negativa [100].

UE [104] – Vala da obra da EDIA, S.A. Realidade que corta parcialmente as UE [100], [103] e [105]. A sua abertura possibilitou a identificação da realidade arqueológica aqui descrita.

UE [105] – Camada sedimentar de topo/vegetal

que cobria a [202] e que foi removida, na totalidade, mecanicamente, durante a abertura da vala. Camada de matriz argilosa, pouco compacta de cor castanho. Só se observou em corte.

Espólio Arqueológico

O conjunto registado apresenta-se muito limitativo para uma melhor caracterização crono-cultural da ocupação. Se, por um lado, ocorre a presença de um elemento artefactual que converge para um determinado espaço temporal e cultural, por outro lado, a ausência de materiais arqueológicos de outra natureza tipológica e tecnológica poderá dificultar a caracterização cronológica desta estrutura e respectivo sítio arqueológico.

Com efeito, o único exemplar que compunha o espólio funerário, à data da intervenção, estava localizado no terço superior da sepultura, junto do crânio de um indivíduo de primeira infância e corresponde a um exemplar completo de um potinho de bordo voltado para o exterior e lábio curvo, colo alto e curto, perfil bitroncocónico ligeiramente

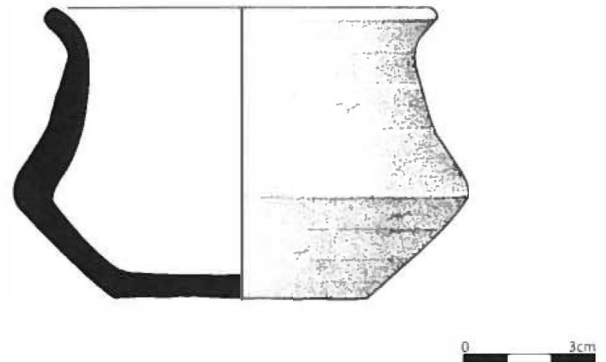


Fig. 8 Espólio votivo registado na sepultura (escala de 4cm na foto).

ondulado e fundo plano. A sua altura é de 6,7cm e o diâmetro interno da abertura/bordo é de 8,8cm (Fig.8).

Trata-se de uma produção local/regional, torneada, de pasta de textura fina, com minerais brancos e negros, enquadrável nas características petrográficas do grupo 1, fabrico 1-B da cerâmica comum de S. Cucufate, na denominada “cerâmica vermelha alentejana” (Pinto, 2003, p.97), cuja origem deverá buscar-se na região dos gabros de Beja (Idem, 2003, p.93). Apresenta cozedura oxidante em modo A, com vestígios de polimento irregular que destacam um efeito em bandas horizontais na superfície externa e no interior, junto do bordo, sem quaisquer vestígios de decoração.

Este tipo de potinhos de pequeno diâmetro estão frequentemente associados aos espólios funerários e encontram-se bem atestados nas necrópoles da região do Alto Alentejo, onde esta forma corresponde ao grupo 1 dos potes, com vagos paralelos com os nºs 437 e 438 oriundos da necrópole de Torre das Arcas com cronologias dos finais do séc. I d.C. a inícios do séc. II (Nolen, 1985, p. 177, est. XLII). O exemplar da Malhada dos Carvalhos 1 possui bordo esvasado e colo curto e alto, diferindo no perfil, biconcavo de carena baixa, que lhe configura um contorno “achatado”, por oposição aos exemplares alto-alentejanos, que deverão corresponder a uma variante mais alta. Encontram-se ainda semelhanças em termos do perfil do bordo e secção na cerâmica comum de Conímbriga (Alarcão, 1975, p.

81-85, est. XIX, nº 374) e na, geograficamente mais próxima, necrópole de Valdoca, com os exemplares nºs 1 da sepultura 61 e nº 1 da sepultura 465 (Alarcão e Alarcão, 1966, p.26-27, est. V, p.95, est. XXXIII), oriundos de contextos do século I a inícios da centúria seguinte (Idem, 1974; Nolen, 1985, p.117), cronologia que se propõe para o exemplar em questão.

No seu trabalho sobre a cerâmica comum das *villae* de S. Cucufate, Inês Vaz Pinto descreve um conjunto de peças com semelhanças com a da Malhada de Carvalhos 1, embora com uma asa. Correspondem ao grupo X-A-7, dos potinhos de bordo simples, levemente esvasados, na continuidade da pança levemente ondulada (Pinto, 2003, p.408, fig. 422, p.539), datados, na sua maioria, do horizonte de ocupação da *villa* I, igualmente balizado entre a segunda metade do século I e o primeiro terço do século II.

Análise Bio-Antropológica

Os restos humanos identificados consistem em vários fragmentos, de reduzida dimensão, de ossos do crânio e a 32 coroas e/ou dentes, 13 dos quais pertencentes à dentição decídua e os restantes 19 à dentição permanente.

O sedimento foi crivado com recurso a uma malha de 1,5mm, acção que se apresentou como fundamental na recuperação/registo dos elementos da dentição.

A percentagem de recolha para o material osteológico demonstrou ser bastante baixa. Pelo con-

trário, um número elevado de dentes sobreviveu. A preservação geral dos materiais osteológicos terá de ser considerada pobre, com as superfícies dos ossos/esmalte a apresentarem-se altamente danificadas e o seu estado muito fragmentado. Em oposição, foi recuperado um grande número de elementos dentários intactos, tornando possível a sua determinação.

O cálculo da idade baseou-se na erupção da dentição decídua e na mineralização da dentição permanente (Ubelaker, 1989), tendo resultado na atribuição de uma idade de 4 anos \pm 12 meses.

Relativamente à dentição decídua, foram identificados 13 dentes:

- Da maxila: 2 incisivos centrais, 1 incisivo lateral esquerdo, 1 canino esquerdo, 2 primeiros e 2 segundos molares (total = 8).

- Da mandíbula: 1 incisivo lateral esquerdo, 1 canino esquerdo, 1 primeiro e 1 segundo molar esquerdo, bem como 1 segundo molar direito (total = 5).

Relativamente à dentição permanente, os elementos representados correspondem a coroas de dentes não irrompidos:

- O arco superior estava quase preservado na sua totalidade (excluindo os terceiros molares, que não estão mineralizados nesta idade), faltando, apenas, os segundos pré-molares. Desta forma, identificaram-se: as coroas de 2 incisivos centrais, 2 incisivos laterais, 2 caninos, 2 primeiros pré-molares, 2 primeiros e 2 segundos molares (total = 12).

- Provenientes da mandíbula, registaram-se: 2 incisivos centrais, os 2 primeiros pré-molares, o primeiro e segundo molar esquerdo, tal como o segundo molar direito (total = 7).

Não se tentou determinar o sexo/género, devido ao facto de se estar a lidar com restos osteológicos de uma criança pequena, ainda mais quando aliada a uma baixa percentagem de vestígios recuperados.

Malhada dos Carvalhos 1: primeiras leituras e perspectivas futuras

A escavação arqueológica realizada na Malhada dos Carvalhos 1 permitiu observar eventuais realidades relacionadas com uma ocupação mais antiga

deste espaço, numa área onde têm vindo a ser revelados diversos vestígios de estruturas arqueológicas escavadas no substrato geológico.

No que concerne à ocupação romana, a sondagem 1 revelou a existência de uma inumação primária de um único indivíduo, pertencente a uma criança com cerca de quatro anos de idade, com espólio funerário associado.

Tipologicamente, a sepultura da Malhada dos Carvalhos corresponde a uma inumação em fossa simples, colmatada por pedras e materiais de construção (*tegulae*) que pertenciam à cobertura da estrutura tumular, preenchida com um estrato sedimentar que cobria a inumação.

Devido à afectação da estrutura em fase prévia aos trabalhos arqueológicos, não foi possível determinar com exactidão como se processava a estrutura de cobertura da sepultura, aparentando contudo uma disposição horizontal que corresponderia à selagem do depósito sedimentar que cobria a inumação. A fossa de contornos semi-retangulares alongada e de cantos arredondados, sem vestígios de revestimento ou estruturação interna, encontrava-se escavada no calíço brando local, com dimensões relativamente reduzidas, configuradas à idade precoce do indivíduo inumado.

A simplicidade deste tipo de estruturas encontra paralelos em algumas necrópoles da região, onde coexistem, diferentes modelos de estruturação de sepulturas, desde a variante mais simples, idêntica à sepultura da Malhada dos Carvalhos, a sepulturas com opções construtivas mais complexas. Do ponto de vista cronológico, abrangem uma diacronia que alcança todo o período Romano e a Antiguidade Tardia, como se pode atestar pela presença deste tipo de sepulturas em contextos coevos Alto-Imperiais, na necrópole da Torre Velha 3 (Baptista et. al., 2012, p. 754), mas também na sepultura e necrópole tardo-romanas do Monte do Bolor 3, S. Brissos, Beja (Borges et. al., 2012).

O mau estado de conservação do espólio osteológico deverá estar relacionado com múltiplos factores. A precocidade do indivíduo, com ossos muito débeis em termos de calcificação, o tipo de substrato geológico, a acidez dos sedimentos e o facto de esta zona ter sido sujeita a intensos trabalhos

agrícolas com recurso a meios mecânicos e uso de pesticidas, podem ser as causas para a parca informação recolhida no decorrer da intervenção, relativamente à deposição humana em análise.

A exiguidade da área escavada inibiu a identificação de mais sepulturas, ficando em aberto a clarificação da situação de isolamento desta sepultura, ou a sua eventual inserção num espaço funerário colectivo.

Da mesma forma, a alteração das condições originais de jazida da estrutura e do seu entorno impossibilitaram que se aferisse a presença de vestígios de lajes ou materiais de demarcação ou identificação da sepultura, bem como de qualquer registo epigráfico.

O parco espólio exumado situa cronologicamente esta sepultura no período Alto imperial, entre o séc. I e os inícios do séc. II, contemporâneo de momentos de utilização das necrópoles de Valdoca e Monte do Farrobo, localizadas na zona mineira de Aljustrel, a sul do território onde se localiza o sítio da Malhada de Carvalhos 1, e onde a presença romana se encontra fortemente documentada.

Já nas proximidades da Malhada de Carvalhos 1 a ocupação romana é uma realidade igualmente intensa e atestada. Sítios como Cassapa 2, Areias 1, 2, 3, 4, 5 e 6, Alto do Pilar (1 e 2), Malhada da Barrada e Monte da Cassapa 2 (www.igespar.pt/ - Endovélico; Pinto, 2012), só para citar alguns bem próximos da Malhada de Carvalhos 1, representam um bom exemplo da diversidade temporal e espacial da presença romana neste território. No entanto, estes sítios correspondem a intervenções pontuais (minimização de impactes), algumas ainda sem os Relatórios Finais disponíveis para consulta, estando o acesso aos resultados, ainda, inacessível.

Possivelmente integrada num núcleo maior de necrópole, esta sepultura surgirá isolada devido às limitações que este tipo de trabalho representa. Num trabalho de minimização em que afectação atinja uma área maior (ou envolvido num projecto de investigação com objectivos específicos e cronologicamente direccionados), será de crer que novas realidades enquadradas com esta sepultura venham a ser colocadas à vista.

Num espaço mais abrangente, importará ob-

servar os resultados provenientes de diversas necrópoles intervencionadas em diversos Blocos de Rega da EDIA, S.A. Monte da Vinha 2 (São Manceos), Monte do Outeiro (Cuba), entre outras, que deverão conter mais informação que poderá ajudar à compreensão e caracterização da sepultura “isolada” da Malhada de Carvalhos 1.

No futuro, será importante cruzar a informação daqui proveniente com a que resulta das múltiplas intervenções desenvolvidas no âmbito da execução dos Blocos de Rega, tanto na área de Ferreira do Alentejo, como nos espaços adjacentes. É notório que, neste momento, escrever e afirmar realidades concretas é extrapolar leituras e dados muito limitados e condicionados. A informação proveniente da Malhada de Carvalhos, embora útil, é insuficiente. E esta é a leitura realizada após a intervenção em muitos dos sítios escavados na área.

Acresce-se a esta evidência, o facto da arqueologia funerária romana se tratar de uma realidade ainda muito mal caracterizada. Ao contrário da região do Nordeste Alentejano, o território Baixo-Alentejano, não conheceu grandes trabalhos de investigação de espaços funerários em âmbito rural. Com excepção das já mencionadas necrópoles da região mineira de Aljustrel, escavadas e publicadas na segunda metade do século passado, (Ferreira e Andrade, 1966; Alarcão e Alarcão, 1966; Alarcão, 1974b) o conhecimento sobre as áreas funerárias e enterramentos de época romana cingiu-se a notícias de achados isolados ou sepulturas pontuais, descobertas de modo ocasional em trabalhos agrícolas, ou identificadas em trabalhos de prospecção (Lopes, Carvalho e Gomes, 1997).

Neste contexto, o desenvolvimento da actividade arqueológica nas últimas décadas do século passado, ainda em curso, e em particular, dos trabalhos de minimização de impactes do empreendimento de Alqueva e da designada arqueologia de emergência, permitiu mudar radicalmente este cenário, revelando um panorama bastante mais complexo e dinâmico sobre o mundo da morte nas sociedades rurais romanas.

A compilação dos múltiplos dados gerados por essas intervenções, a sua discussão e estudo, poderão começar a ajudar a formular um discurso cientí-

fico, que se aproxime, cada vez mais, da veracidade histórica, protagonizada nos diversos momentos de ocupação realizada nesta área geográfica e, noutra escala, no resto do território actualmente português.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1974a) - Cerâmica comum local e regional de Conimbriga. Suplementos de Biblos, 8. Coimbra.

ALARCÃO, J. (1974b) - "A Necrópole do Monte do Farrobo" in Conimbriga, Vol. XIII, Coimbra, 1974.

ALARCÃO, J. (1976) - Céramiques communes d'importation. In ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, J., eds. - Fouilles de Conimbriga Vol. VI: céramiques diverses et verres. Paris: De Boccard.

ALARCÃO, J. ; ALARCÃO, A. (1966) - "O Espólio da Necrópole Luso-romana de Valdoca (Aljustrel)" in Conimbriga, V, Coimbra, 1966.

BAPTISTA, L. et. al. (2012) – A necrópole romana de Torre Velha 13 (S. Salvador, Serpa) in Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. C.M. Almodôvar, pp.751-764.

BORGES, S. et. al. (2012) - Monte do Bolor 3 - S. Brissos, Beja: Resultados Preliminares in Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. C.M. Almodôvar, pp.113-132.

FEIO, M. (1951) – "A evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve." Lisboa, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1951, pp. 20-92.

FERREIRA, O. V.; ANDRADE, R. F. (1966) - "A Necrópole de Valdoca," in Conimbriga, vol. V, Coimbra, 1966.

HARRIS, Edward C. (1991) – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*, Editorial Critica, Barcelona

HARRIS, E. C.; BROWN III, M. e BROWN, G. (1993) – *Practices of Archaeological Stratigraphy*, Academic Press.

LOPES, C., CARVALHO, P., GOMES, S (1997) – Carta Arqueológica do Concelho de Serpa. C.M. Serpa.

MATOS, FONSECA & ASSOCIADOS (2008) – *Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução dos Blocos de Rega de Alfundão e Respectiva Adução, Anexo 9 – Património: Apêndice 9.1, Relatório Final, EDIA, S.A.*

NOLEN, J. U. S. (1985) – *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação Casa de Bragança.

OLIVEIRA, J. T. (1992) – *Carta Geológica de Portugal 1/200000, folha n.º8*. Lisboa, Serviços

Geológicos de Portugal.

PINTO, A. (2012) – Relatório Final – *Areias 5*. Relatório entregue ao Igespar (texto policopiado). Torres Novas.

PINTO, I. V. (2003) – *A cerâmica comum das villae de São Cucufate (Beja)*. Colecção Teses. Lisboa: Universidade Lusitana Editora.

UBELAKER, D.H. (1989) - *Human skeletal remains. Excavation, analysis, interpretation*. Chicago.

- Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, do IGeoe, folha n° 509
- Carta Geológica de Portugal, folha n° 8
- <http://www.igespar.pt/>